

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.

Oh! leitoras, quereis saber o que eu desejava neste momento para me considerar feliz? Quereis saber qual o thesouro que anhelára possuir para, erguendo, fazer tremular nos ares a bandeira da faceta da minha independencia? Aposto que talvez não acertais — pois bem, eu vos digo; não é n'uma formosura divinizada no cântar ameno de um poeta apaixonado que consistiria o alvo da minha felicidade: não era na opulencia fabulosa de um Créssos, ou nos thesouros inexgotaveis de um *Spada* ou de um *Borgia*, que residiria o cabelal da minha independencia. Uma cousa bem differente; e uma acquisição para o meu espirito, e nada mais. Sou pobre, é verdade, por isso não vos offereço uma distração que captive ou que recompense a applicação de vossas attentões, sempre benevolas para commigo; mas se em partilha natural me cubera por dote um complexo de qualidades, quaes eu desejava para me tornar verdadeiramente feliz; se, por exemplo, uma imaginação fértil e creadora me povoára a mente, se apanagio fóra de meus olhos uma perspicacia e uma penetração assás desenvolidas, se um juizo critico, chistoso e aguçado caracterisára o enunciação de minhas opiniões, e denunciára os bem traçados delineamentos de meu modesto, porém ambicioso calamo de chronista, então *outro gallo cantaria*, como dizem

as velhas e os capadocios da nossa terra, então ainda que nada tivesse occorrido que valesse a pena noticiar-vos, o certo é que não me havia de vêr em calças pardas quasi sempre, de oito em oito dias, ou aliás bastava-me possuir uma dessas pennas maravilhosas, encantadas, que os philosophos da antiguidade e da idade média não conhecêrão, mas que agora andão por ahi com alguma fartura — se eu soubesse o armazinho onde se vendem, ia compral-as porque são um verdadeiro descanso, o ponto é deixal-as correr ou voar com toda a liberdade, molharem-se quando bem lhes aprouvesse, e no liquido que bem quizessem! Não sei de que tamanho nem calibre são, nem se são de aço ou de ave, o que sei é que para pennas (com dous *n n*), no punho de certos escriptores fazem milagres. A's vezes tenho vontade de me aproveitar de algum pensamento sublime, surprehendendo na sua irregular carreira algumas *folhas* que esvoação *soltas* ou tangidas pelo impeto furioso de desabrido vento, mas tenho receio, quero a minha consciencia livre, não quero que faltando-se ao respeito ás attentões e delicadezas a que tem direito o meu sexo, me dêem por ahi alguma decompostura que me ponha em *raso*, como se diz nos cartorios forenses, ou me arrunem com algum *plagiato* ás costas e venha eu a cabir nas desapiedadas *gaifarias* do teno

promotor publico; é verdade que hoje já se pôde ir ao jury sem ter medo de ficar a gente com as peruas e vestidos cheios de pulgas; ou com a cabeça coberta de téas de aranha; mas em todo o caso é melhor deixar de causar ciúmes aos representantes da nação, invadindo aquelle recinto todo parlamentar, de cujos assentos ainda recende o caprichoso *patchouly*, e de cujas paredes ainda se desprende o echo reconhecido do legislador intrepido que clamou pela patria, que gritou contra a prepotencia dos ministros, ou que accusou de atentados á algum collega *menos innocente*, em cujas mãos indevidamente parava a administração da justiça.

Além de que, sabeis o que mais? Entendo que não devo consideração nenhuma a cousas que andão *soltas*, a filhos que não tem pai, que não tem merecimento, que caminão sem destino, que saltão em *zig-zags*.

E esta! estou vos distraindo, e ainda não falei no facto principal da semana, a ascensão do intrepido aronauta, o Sr. Edouard Heill. Na realidade declaro-vos ingenuamente que nunca vi tanta gente reunida, tanta variedade de trajas e costumes, tanta animação, tanta ansiedade, tanto empenho.....

O monstruoso bojo do balão demandando mais tempo do que se esperava para se encher, obrigou o povo a tocar a méta da impaciencia; mas enfim a hora souo, o balão vai subir; uma explosão de gritos arrancados pelo entusiasmo surdo da *plataea dos pobres*, denunciando que o monstro quebrava as cordas que o prendião; levantei os olhos e lá ia elle rápido como o pensamento, veloz como a setta disparada por mão destra experimentada, subiu..... subiu..... dizendo adeus ao povo que o felicitava, lançando bandeiras para os que o aclamavão..... enfim a corrente do vento o levou para a praia do *Sacco* onde desceu, cahindo o Sr. Heill ao mar á vista das convulsões extraordinarias em que se agitava um algarismo fabuloso de homens, senhoras, moços, velhos e crianças que o saudava com sinceridade e a que elle reconhecido correspondia. No fim das contas com o que mais dei o cavaco foi com o muito pó que houve e quasi que me suffocou — quexei-me disto á uma amiga a Sra. C..... e ella respondeu-me que esse incommodo que aliás se-

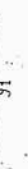
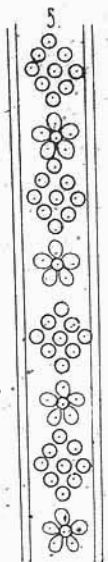
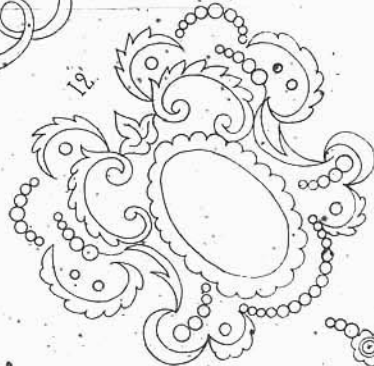
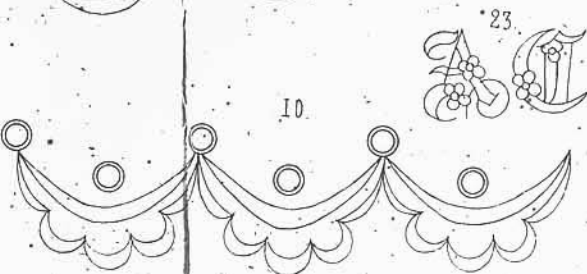
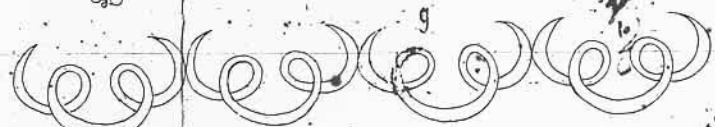
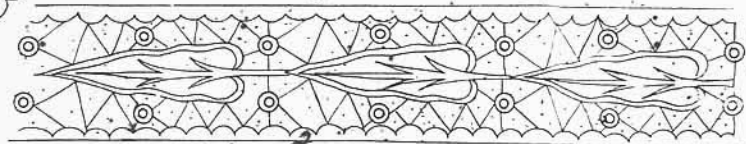
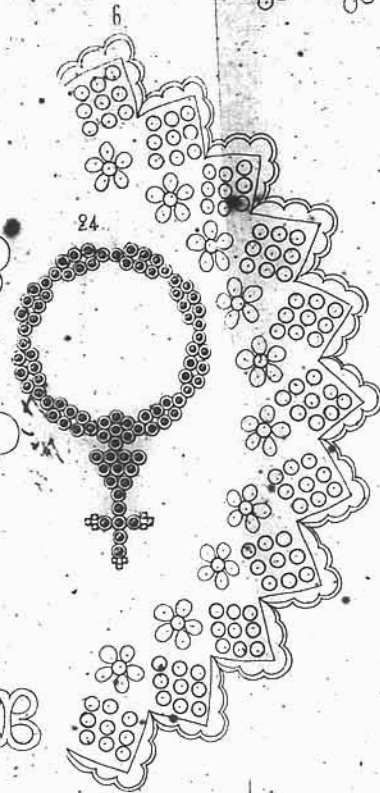
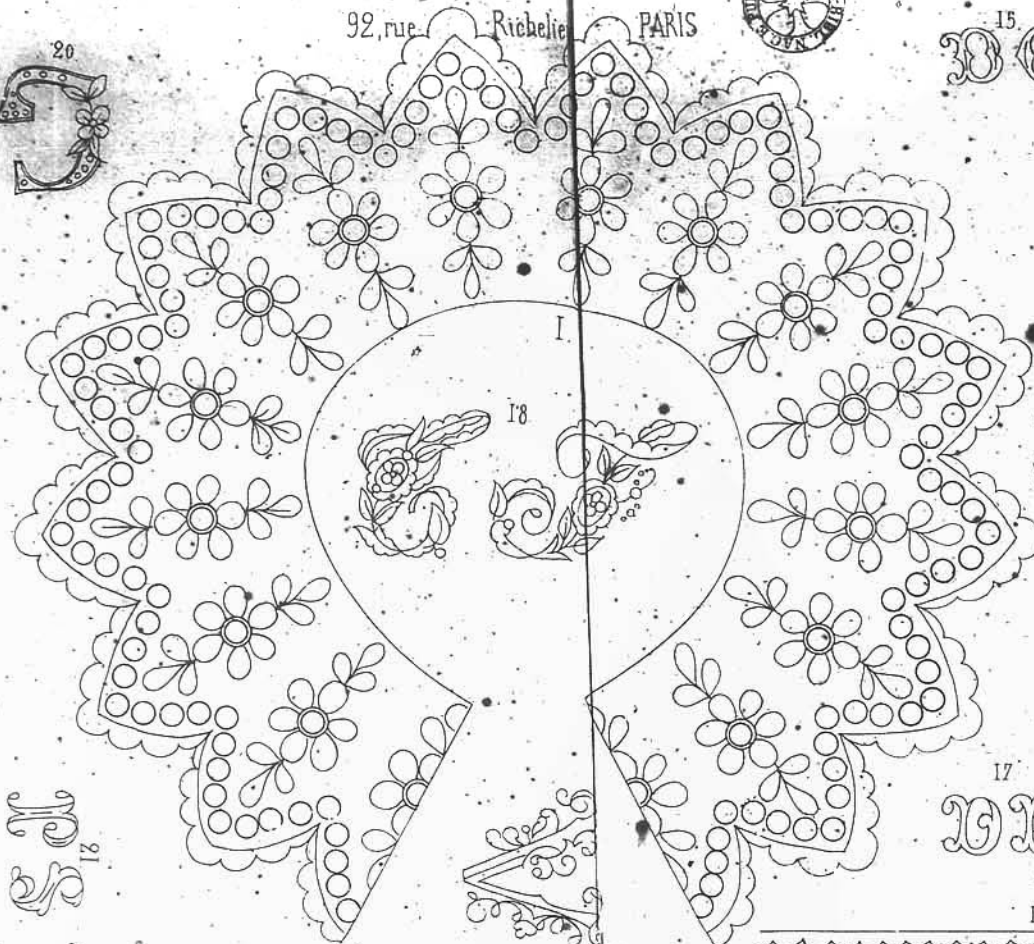
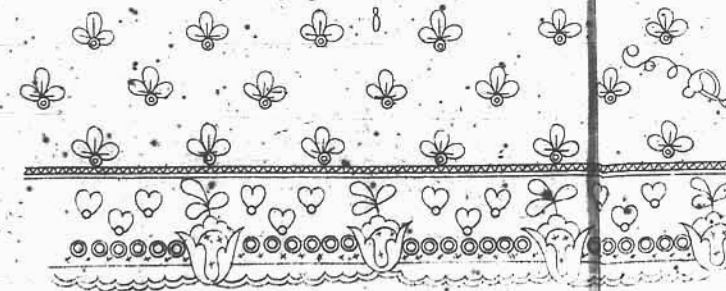
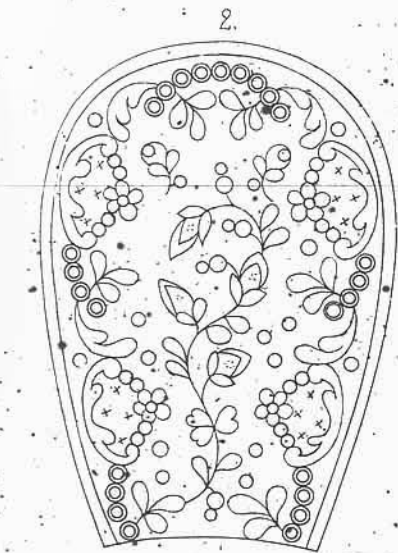
ria por força de tristes consequencias para a maior parte da população, tinha a sua origem em um simples descuido, capricho ou preguiça da administração das obras publicas. Ora fação as leitoras idéa como não ficaria eu, sendo obrigada a voltar para casa e vestir-me toda de novo por que o pó tinha penetrado até onde não sei...; para poder ir ao meu *soirée* na Cidade nova que não queria perder, no que fiz bem por que me diverti bastante. Dançou-se, cantou-se, brincar-se muito, retirando-se a companhia ás 2 horas da madrugada quando já o Sr. Heill talvez estivesse dormindo por quatro, causado de tanto labutar para corresponder á expectativa do nosso bom povo fluminense. Os *toilettes* mais elegantes, e que mais me agradarão forão o de duas lindas moças, nymphas formosas que adorar quizera, uma morena de lindos olhos e cabellos negros como o elano, outra clara e radiante como a dhalia que desabrocha em cultivado jardim. A primeira, a Sra. C..... trazia um lindo *toilette*, simples porém engraçado; era um bem talhado vestido de nobreza branca com quatro babados, e uma grinalda de flores brancas e azues que contrastavão maravilhosamente. A segunda, a Sra. E.... trazava vestido de nobreza amarello tambem com babados; e na cabeça e peito sobresahião flores escarlates de trabalho irreprehensivel. E agora, que mais tenho a dizer-vos? Vamos aos theatros e perguntemos ás ingratas directorias do lyrico e dramatico, se levão a sua economia tão longe a ponto de commetterem a indignidade de não darem um camarote á imperial guarda de archeiros! Quererão por acaso mais uma subvenção do nosso sobrecarregado thesouro para esse fim? Ou acharão compativel que aquelles guardas que devem merecer alguma attenção estejam misturados com os pedestres e beaguins de policia ou que esperem no saguão até que se acabe o espectáculo?

Se o cabo daquella guarda fizesse o mesmo que o capitão e officiaes do piquete que acompanha a SS. MM., não havião de estar soffrendo essas desfeitas: faça o mesmo, puche pelos direitos e verá como tem camarote: não é obsequio, entendendo que é um dever daquellas directorias. Até domingo.

Alina.

EXPLICAÇÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

- | | |
|---|--|
| N. 1. — Cabeção, bordado inglez. | N. 8. — Tira, bordado ponto real. |
| N. 2. — Fundo de touca, bordado applicação. | N. 9. — Bordado festão. |
| N. 5. — Touca de criança, bordado applicação. | N. 10. — Bordado festão. |
| N. 4. — Bordado inglez. | N. 11. — Bordado brasileiro. |
| N. 5. — Entremeio, bordado inglez. | N. 12. — Canto de lenço, bordado ponto real. |
| N. 6. — Bordado inglez. | N. 15. — Bordado ponto d'armas. |
| N. 7. — Cercadura de lenço, bordado ponto real e ponto d'armas. | N. 14. — Bordado ponto real. |
| | N. 15. — Bordado ponto real. |
| | N. 16. — Bordado ponto real. |



N. 17. — Bordado ponto real.
N. 18. — Bordado ponto real.
N. 19. — Bordado ponto real.
N. 20. — Bordado ponto real.

N. 21. — Bordado ponto real.
N. 22. — Bordado ponto real.
N. 23. — Bordado ponto real.
N. 24. — Pulseira feita de contas ou *tricot*.

POESIA.

UMA LAGRIMA A FURTO.

A gota a mais fina
Do limpido orvalho
Tremendo na flôr,
Não tem a candura
Da lagrima pura,
Que vertem teus olhos
Em prantos de amor.
* * *

Jazida em torpor,
Langue, e inclinada
A fronte rosada
Na rosea mãosinha,
Gentil moreninha
Seismava em amor.

Qual fosse dormente,
Qual petrea figura,
A virgem tão pura
Assim parecia.....
Talvez, nem batia
Seu seio innocente.

Mas, eis um sorriso,
Sorriso de santa,
Mimoso se implanta
Na boca mimosa ;
E a face de rosa
Se viu de improviso

Em tanto rubor,
Que os olhos, tão vivos,
Tiverão de esquivos
A' terra baixar.....
— Qual era o pensar
Da virgem de amor ?

— Que idéa surgira
Da joven na mente,
Que o rostinho — ardente
Deixasse-o assim,
Me disse-a o carmim
Que a face tingira.

Não era, não, vã...
— E a joven, inda em susto,
O rosto venusto
Erguendo vivace,
Viu-se inda na face
A côr da romã !

— O' virgem, essas tintas
Do véo da innocencia,
Denotão a existencia
Em teu seio — de amor.....
— Não sentes um ardor,
Que novo tu sintas ?

— Não cores assim !...
Não sejas maldosa !...
Não temas medrosa !...
Teus olhos levanta,
Não temas, ó santa,
Fital-os em mim !

Mas eis que deviso
Seus olhos em pranto ;
Meus olhos levanto
Aos seus a sorrir,
E vejo entre-abrir
Seus labios um riso.....

— Donzella, sorri
Com riso tão bello...
Mas, deixa-me vél-o
Nos olhos, teu pranto...
Não sabes que encanto
Tem elles assi !

Não seque, donzella,
Maldoso pudor
Teus prantos de amor !
Tu és mui formosa,
Porém laerymosa
Tu ficas mais bella.

Joséfon.

O POBRE MATHEUS.

(Continuado do n. 45.)

VI.

Apenas seu pai e os dous artistas sahirão, Marie saltava como uma cabra solta dos seus laços, e correu ao bufete onde a sua imagem se desenhava sob dous aspectos diferentes. Fiel á promessa, sua mãe só a seguia com o olhar, mas sem pronunciar uma palavra.

— Qual dos dous é mais bello? perguntou a si mesma em voz alta: ambos o são. Eu não entendo nada dessas distincções de realismo e de ideal. Eu daria a palma ao Sr. Matheus que é um bom rapaz, mas tambem não queria desgostar ao Sr. Valdroche.

E voltando-se com vivacidade para sua mãe: — Mãei, acho-me em embaraços; que devo fazer?

— Minha filha, prometti a vosso pai não influenciar sobre a tua escolha; uma mulher honrada tem palavra; se eu estivesse em teu lugar saberia o que devia fazer; daria antes preferencia a Matheus que é prudente, applicado, bom trabalhador, do que ao estouvado Valdroche que goza de má reputação, e que nunca passará de mau pintor.

— Não é o que diz meu pai, disse a moça desfolhando sobre a mesa o botão de rosa que tinha de lhe servir para designar a sua escolha.

— Bem; o tal Valdroche parece que te fez tola, não?

— Não, minha mãe; mas entre nós eu creio que elle não é tão máo como parece.

— Assim sentes-te inclinada por elle?

— Não, minha mãe, mas eu creio.... que não dou mais apreço á pintura do Sr. Matheus do que á sua.

— Trata-se mesmo de pinturas!

— Não se trata senão disso, eu vol-o asseguro, minha mãe.

— E eu vos asseguro que se trata de outra cousa. Ainda estais livre; porém desde o momento em que fizerdes uma escolha está tudo acabado, nada mais resta a fazer. Tomai pois muito cuidado no que ides fazer.

— Parou uma carruagem! exclamou a moça, se fosse alguma visita para nós!

— Uma visita á esta hora?

— Quem sabe? Não é á estas horas que costumava vir o Sr. Alfredo?

Ha tanto tempo que não apparece: talvez seja elle mesmo....

Sim, é elle, reconheço os seus passos na ante-camara. Que felicidade!

E antes que a Sra. Villeneuve tivesse tempo de dizer uma palavra, a moça tinha corrido á porta, quando um bello mocetão appareceu no limiar.

— Oh! boa tarde, linda Marie, quanto estais bella com essa touca de cassa branca, disse elle. Boa tarde, boa Sra. Villeneuve; não vos in-

commodeis, sentai-vos. Como está o Sr. Villeneuve?

— Muito bem, querido Sr. Alfredo, respondeu a dama; elle sahiu ha pouco, mas deve voltar e alegrar-se-ha com vól-o, pois ha já tanto tempo!.....

— E' verdade, não tenho apparecido porque fiz uma viagem-sinha, e depois a caça..... Parece que estaveis com companhia, e talvez eu seja indiscreto.....

— Vós, indiscreto! Sr. Alfredo; bem sabeis que não é possível. Isto é porque meu marido convidou dous artistas para jantar.

— Ah! o bom Sr. Villeneuve é amigo dos artistas!

— E' porque elles fizeram o retrato de Marie, gratuitamente, já se sabe, e tratou-se de lhes testemunhar o nosso reconhecimento.

— Oh! se se tratasse de outra cousa ainda, exclamou a moça. Mas vamos, continuou familiarmente tomando o braço do moço, viude cá, vêde estes dous quadros e dizei-me qual d.s dous achais mais bonito.

— Gosto mais deste, disse o rapaz passando o polegar e o index por baixo do queixo da rapariga.

— Oh! isso é historia velha que até já sei de cor. Olhai, sede razoavel se é possível, e dizei-me o vosso parecer sobre o merecimento destas duas pinturas.

— Meu parecer, e ainda em cima motivado! Sois exigente!

— Bah! se não dais nada!...

— Enganais-vos, minha linda menina, e eis aqui a prova.

Assim fallando, o moço pôz uma caixa nas mãos de Marie. Esta calçou na móla e um lindo bracelete brilhou aos seus olhos.

— Oh! vêde, minha mãe, como é lindo!

— Sois um louco, Alfredo, em lhe fazerdes mimos semelhantes.

— Ora, é mister que eu empregue os meus renditos, e como fazel-o se as minhas amizades não me ajudarem? Isto não vale nada, e estou que me não ficareis querendo mal por isso.

— Sempre bom e amavel! Marie, guarda já essa pulseira no armario. O Sr. Villeneuve zangar-se-hia se soubesse que acceitastes uma joia de valor tão subido.

— Na verdade é adoravel esta linda Marie, disse Alfredo enquanto a moça entrava no quarto.

— Tanto tem de boa, de ingenua como de linda, accrescentou a mãe.

— E não tratais de casal-a?

— Talvez; mas, silencio, ella ahi vem.

— Com tudo isso ainda me não dissetes qual dos dous quadros vos parece mais bonito, disse a moça tomando de novo o braço do rapaz.

— Mas....., conquanto em estylos differentes

ambos me parecem lindos e sobretudo parecidos. Aqui é Marie alegre, viva, esperta; acolá é a mesma Marie, triste, melancolica, chorando pela sua primeira patria.

— Qual primeira patria ?

— O ecô.

— Lisongeiro, que sois ! Não é isso que vos pergunto : pergunto-vos qual dos dous esculptores.

— Quereis dar-me um delles ?

— Impacientais-me ! tomai sentido, olhai que depois me vingó !

— Como ?

— Não usando o vosso bracelete.

— Par-me-heis acreditar que aquelle vos não agrada : mas o remedio é simples, dar-vos-hei outro.

— Sim, tentai-o !

— Duvidais de mim ?

— Não sou capaz, porque então pegar-me-heis pela palavra ?

— Já vódes que nada lucráis ameaçando-me.

— Entretanto confessai que bem mereceis ser batido.

— Fazei-o.

— Isso quereis vós, e eu jámais podia bater-vos fortemente, á minha vontade.

— Tendes uma filha bem má-sinha, M.^{me} Villeneuve.

— Bom ! chamais a mamã em vosso auxilio ! é porque tendes medo.

— Deve-se ter medo até de menos ; vós sois uma criança terrível.

— Eu, uma criança ! já não o sou mais, ficai sabendo.

— Então o que sois ?

— Sou uma moça : já fiz dezoito annos, senhor.

— Daqui a quinze annos não haveis de dizer a vossa idade com tanta sem cerimonia, minha bella.

— Do mesmo modo porque hoje não quereis dar a vossa opinião sobre a pintura.

— Então desceis muito o meu juizo sobre estes dous quadros ?

— Mais do que o podeis suppôr.

— Marie, não estejas maçando o Sr. Alfredo, disse a mãe que temia que o juizo do grande homem não exercesse alguma influencia sobre a determinação da rapariga.

— Se elle está se maçando é por sua vontade, continuou Marie ; decida-se já ou por um ou por outro.

— Bem, é outro que eu acho melhor.

— O outro ! qual outro ?

— O que é rival do outro.

— Aqui está uma clareza como a que se obtém em discussões sobre a arte.

— Ah ! parece que aqui ha sempre discussões artisticas ?

— Que quereis ? o arrabalde é proprio.

— Lembro-me que a ultima vez que aqui vim estava naquella poltrona um esculptor que falava em abrir uma figura colossal de Napoleão nos rochedos do Grande-São-Bernardo.

— Executou o que projectava ?

— Sim, na cabeça ; mas creio que o modelo não lhe sabe dahi nem a pão.

— Pobre Jupiter, deve soffrer muito.

— Dizei antes : pobre Napoleão ! porque o pobre homem deve se ver muito apertado.

— Tendes muito espirito, Marie, se continuais vou-me embora.

— Vamos lá, eu não quero zangar-vos, e vou tratar de me fazer tão estúpida como vós.

— Não comprehendais nada acima de vossas forças ; teríeis á humilhação de succumbir.

— Oh ! se tivesseis aqui a bengala de meu pai ! é grossa e doer-vos-ia.

— Pois não ! esperarei que elle volte. Estais satisfeita ?

— Ficarei contente quando me disserdes a qual dos dous quadros devo dar preferencia.

— Ah ! deveis fazer a escolha e quereis que guie o vosso arbitrio ? Porque não vos decidis vós mesma ? Eu não me pronuncio por que sei que vós quereis me acompanhar no que eu disser : não quero vos obrigar nem constanger, obrai livremente, eu não quero influir sobre o vosso juizo.

— Esperai : vou surpreender-vos, minha menina ; por meu gosto eu multiplica-a vossa imagem, e cada uma dellas tendo o direito de ser preferida á outro segundo os momentos e os pontos de vista, toma-las-ia ambas.

— Pensais maravilhosamente ; já sei o que devo fazer.

Assim fallando a moça tirou dos ramalhetes dous botões de rosa mais lindos e collocou-os sobre a borda dos dous quadros.

— E eu ? disse Alfredo.

— Vós não sois o meu retrato.

— Olhai bem para meus olhos.

— Oh ! duas imagens, é verdade, e bem parecidas. Mereceis dous botões, aqui tendes um pendão dellas.

E lançando a flor no rosto do mancebo foi travessa refugiar-se em uma poltrona por detrás de sua mãe. Esta ia sem duvida reprehender sua filha, quando sentiu pisadas no vestibulo. Era o Sr. Villeneuve e os convivas que voltavão.

— Oh ! o Sr. de Chaleilles, gritou o empregado ao vêr o mancebo.

Para logo principiou uma chuva de perguntas ? Porque passastes tanto tempo sem vir ver-nos ? O que tem acontecido ? Pois assim se despreza os amigos ?... A ladainha terminou com a apresentação dos dous artistas. O Sr. Villeneuve sabia lidar com a sua gente, e era escrupuloso observador das suas etiquetas sobretudo em presença de um homem como o Sr. Chaleilles que pertencia á mais alta sociedade de Pariz. Elle se vexava menos com os artistas e sugitava-se mesmo de boa vontade á sem cerimonia.

Os dous rapazes vendo o estranho, conservá-rão-se de parte, porém os seus olhos procuravão a solução do problema do seu merecimento relativo, e com grande desapontamento não o encontrá-rão. Dando a palma indistinctamente aos dous trabalhos, testemunhava Marie que não havia para ella differença entre os rivaes.

Matheus habitualmente modesto, julgou-se fe-

liz em não ser completamente repellido, mas a vaidade de Valdroche chocou-se.

— É' uma presumida que está zombando de nós, pensou elle.

A conversação tornou-se geral e perdeu naturalmente o interesse que tinha tido até então para cada um dos individuos em particular. O Sr. Villeneuve que era o melhor homem do mundo, entendeu dever se aproveitar da oportunidade para ser util á Valdroche, e por seu turno o Sr. Valdroche recommendava com empenho o talento de Mathews. O Sr. de Chailleilles era rico, possuía no arrealde St. Honoré um grande e magnifico palacio, tinha em Poitu um grande castello; algumas pinturas encomendadas por elle poderião fixar a reputação dos dous rapazes e introduzil-os em um mundo onde vissem os lucros e a gloria de sua arte. Porém seja por que o Sr. de Chailleilles tivesse um gosto mediocre pela pintura, seja porque as amostras do talento dos dous pintores que tinha á vista não lhe parecessem extraordinarias, seja enfim por que não tivesse em casa mais logar para novos paineis, elle não lhes encomendou nem sequer um desenho. Todavía bastou que o Sr. Villeneuve e sua senhora testemunhassem interesse pelos dous artistas para que o Sr. de Chailleilles se mostrasse amavel e quasi benevolente para com elles, porém Valdroche cujo insucesso muito o irritava não respondeu senão com a ponta dos beiços ás expressões do mancebo: quanto a Mathews cahindo outra vez na sua melancolia, conservou-se sempre afastado do centro da conversação. Quem conversava erão unicamente a Sra. Villeneuve, sua filha e o Sr. de Chailleilles. Marie por um momento suprehendida por uma reserva com a chegada dos dous artistas bem depressa a dissipou tornando-se alegre e jovial com os ditos engraçados e chitosos do seu velho camarada. Era assim que ella muitas vezes designava ao Sr. de Chailleilles, e este por seu turno respondia pregando-lhe peças e logros á sua velha amiga; — uma velha amiga que não tinha ainda dezoito annos.

Talvez convenha em poucas palavras dar aqui uma noticia sobre a natureza das relações que existião entre a familia Villeneuve e uma grande e rica personagem como o Sr. de Chailleilles.

O Sr. Villeneuve na sua mocidade tinha sido secretario do conde de Chailleilles pai. Este, no tempo da Restauração empregou-o no ministerio do interior, onde o bom homem se soube conservar com toda a prudencia desde então, subindo com passo lento mais seguro os degraus que se elevão até alta posição de official de secretaria onde com effeito chegou e parou. A especie de familiaridade que existira entre o Sr. Villeneuve e o conde, a estima mutua que se tributavão, o reconhecimento de um lado e as obrigações do outro, enfim a ternura quasi paternal que de sua parte o Sr. Villeneuve testemunhava ao filho do seu protector, da outra a benevolencia affectuosa que mostrava o conde á filha do seu protegido, concorria tudo a estabelecer entre as duas familias, apesar das differenças de posições, umá sorte de intimsidade sincera e verdadeira. Entretanto, suprehendido prematuramente pela

sorte no meio de sua carreira, o conde nada legou á filha do seu protegido, e seu filho levado para fóra da França logo depois pelo gosto das viagens, foi obrigado a suspender por algum tempo as suas relações com a familia do empregado. Porém apenas de volta não se esqueceu della, recordava-se dos seus dias de infancia e ainda pequena Marie brincava-lhe nos joelhos e com elle aprendia a mover os dedinhos sobre o teclado do piano. Durante os tres annos de ausencia Marie fez-se moça. Todavía não perdeu as suas reminiscencias, e encontrando-se de novo com o seu camarada da infancia, sentiu renascer a doce affeição da juventude, e a familiaridade primitiva por um momento de acanhada pelos grandes bigodes e maneiras novas, resarcia os antigos direitos e conquistou mesmo ao olhar materno novos privilegios.

Nada mais innocente do que aquella inclinação da infancia. Quer o Sr. Villeneuve, quer sua senhora, jámais pensarão que ella fosse um dia perigosa; nunca osarão imaginar que a filha do modesto empregado podesse enxergar um dia em Alfredo alguma qualidade mais que a de um amigo e protector de sua familia; e por seu turno jámais pensou Alfredo que em seu coração houvesse um sentimento para com a moça que não fosse o de uma firme affeição paternal. Elle era mais velho que Marie sete annos, e se bem que á medida que avançavão em idade, esta distancia parecesse diminuir pouco a pouco, os habitos out'ora conquistados, o respeito pela memoria de seu pai, a verdadeira affeição que tinha ao empregado e sua mulher, tudo concorria a varrer do seu espirito todo o pensamento pouco decoroso, e do seu coração todo o sentimento que não pudesse ser francamente exposto: Isto explica sufficientemente a pergunta do Sr. de Chailleilles sobre as intenções futuras da Sra. Villeneuve a respeito de sua filha, e a familiaridade com que Marie aceitava os mimos do moço.

Voltando á capital depois de alguns mezes de ausencia, tinha Alfredo ido visitar seus velhos amigos e encontrava dous rapazes festejados e tratados com desvelo pelos donos da casa. Calculou que um delles podia ser, devia mesmo ser, o alvo das vistas do Sr. e da Sra. Villeneuve, e pois tratou de ser polido e affavel para com elles. Por que respondião elles de esguelha ás suas fucezas? Terião ciúmes? Esta idéa mesmo não lhe acendi á mente, tão longe estava de se considerar em circumstancias de excitar aquelle sentimento, e não sabendo como responder immediatamente á sua questão, recusou formulal-a segunda vez. Continuava as brincadeiras infantis com a moça, e esta correspondia com gracejos animados que contrastavão com a especie de constrangimento em que tinha estado durante o jantar. Finalmente, como ia se fazendo tarde, despediu-se da familia Villeneuve prometendo voltar em breve, o que era mais facil do que esperar que o velho empregado lhe fosse á casa.

Senhores do terreno, os dons artistas tomãro as suas antigas posições; Valdroche sempre adiante, Mathews na reserva.

— Fizestes mal, Valdroche, disse o Sr. Villeneuve, em não fazerdes a corte ao Sr. conde de Chaleilles; é um grande senhor, muito rico, com muito gosto pelo que é bom, e para fazerdes fortuna bastava que um homem como aquelle quizesse proteger-vos.

— Eu não faço a corte a ninguém, respondeu Valdroche com desdém; o verdadeiro talento não deve estar á mercê da protecção dos ricos.

— Mas não se deve repellir-a.

— Se elle me encomendasse um quadro, far-lh'o-hia, mas ir procural-o, não.

— Mostrais no que dizeis que tendes mais orgulho do que o nobre conde em toda a sua expressão.

— Que quereis? o homem que conhece o seu merecimento não deve se humilhar a ninguém.

— Pois é humilhação o ser polido e cortez para com aquelles que vos testemunhão tanta benevolencia? Eu não exergo nisso nem os sentimentos de um grande coração, nem as palavras de um verdadeiro artista.

O Sr. Villeneuve era homem que discorria bem, e não era sem contrariar-se que via a quem pretendia fazer seu genro dispôr de tão pouco raciocínio.

A vaidade de Valdroche offendeu-se com a lição, porém ao menos teve a prudencia de não se revoltar, e prometeu justificar a sua conducta pela do seu rival.

— Matheus tem as mesmas idéas que eu, bem que não as expresse assim como eu, porque não o ouvi responder ás lisonjas do Sr. conde.

— Não teve tambem razão, disse a seu turno a Sra. Villeneuve; porém é desculpavel porque Matheus é tímido e reservado com todos. Que quereis, é sua natureza.

— Deste modo quereis desculpal-o dos seus peccadinhos, tanto passados, presentes, como futuros; e d'ora avante tem o direito de ser taciturno como quizer, respondeu Valdroche.

— E' privilegio que me não deveis invejar, disse Matheus sorrindo-se.

— E que todavia é um vantajoso auxiliar na sociedade.

— Ainda não experimentei isso, não posso dizer o mesmo que vós.

— Então é quereis vos mostrar ingrato para com a Sra. Villeneuve.

— Apesar das vossas razões, continuou a dona da casa, creio que é legitima a minha preferencia.

A conversa ia tomando um rumo pouco calmo. O Sr. Villeneuve entendeu que devia intervir, distraindo a attenção para um outro ponto.

— A proposito! exclamou de repente; a sentença já está dada?

O empregado não tinha reparado nos dous quadros que estavam atraz delle.

Ao ouvir aquellas palavras todos levantãro a cabeça; porém não forão comprehendidas porque as attensões estavam applicadas para outro lado.

— Sim, a sentença, o juiz, continuou elle. Qual de vós dous obteve a palma?

— Sabei-o por vós mesmo, disse Valdroche.

O Sr. Villeneuve voltou-se, e vendo os dous quadros igualmente decorados, pôz-se a rir.

— Oh! que bella maneira de se sahir dos embaraços!

— E de nos deixar, como lá dizem, com agua na boca.

— Foi vossa mãe, Marie, quem vos ensinou esse subterfugio?

— Vossa filha fez o que bem quiz, replicou a mãe com tom irado; cumpri o que havia promettido, não lhe dei nem patavina.

— Então foste tu a autora desse engenheiro, desfecho?

A moça levantou a cabeça e mostrou um olhar meio candido, meio galhofeiro.

— Não fui eu, foi o Sr. Alfredo.

Valdroche deu um pulo semelhante ao de um tigre ferido, e Mathews levou a mão ao coração com indizível expressão de tristeza.

— Comprehendeis o que isto quer dizer, meus senhores, continuou o empregado com accento ingenuo e franco: isto quer dizer que nembum de vós ainda acertou, e que é preciso começar de novo.

Valdroche forçou um sorriso desdenhoso e abanou lentamente a cabeça. Mathews pelo contrario ergueu a fronte e respondeu:

— Estou prompto.

— Ter-me-hia enganado? pensou o Sr. Villeneuve. Será este o verdadeiro artista?

Fazia-se tarde, e pois tratou-se de recolher; e apezar da longa serie de advertencias que a Sra. Villeneuve tencionava fazer á sua filha, não houve remedio senão guardal-as para o dia seguinte.

VII.

Passou o inverno. Valdroche frequentava menos a familia Villeneuve porque se via claramente mal visto pela dona da casa, fracamente apoiado pelo pai para tentar com probabilidade de successo a conquista de uma rapariga loureira, segundo a sua opinião. E além disso, quaes seriam as consequencias desse namoro se elle o tomasse ao sério. O estado de fortuna de Marie era seguramente para um partido que convinha: não era rica mas elle muito menos. E a consideração de que gosava o velho no ministerio não poderia chamar sobre o seu futuro genro alguns desses favores tão ambicionados pelos artistas? Bem calculado tudo, não era uma união brilhante, porém uma união digna e racional. Mas estava no caso de contrahir matrimonio um mancoço que tem apenas vinte e cinco annos e que é susceptivel de se deixar arrastar por todos os successos e conquistas imaginaveis? Póde ligar assim as azas ao seu destino e cortar pela raiz todas as suas esperanças quando a vaidade faz conceber tantas e tão risonhas promessas?

Até então Valdroche tinha-se deixado arrastar pelo prazer de uma conquista, e sem ter intenção verdadeiramente criminosa, ceder ao desejo de fazer reconhecer os seus direitos de conquistador. Os obstaculos que se lhe erguão dechaixo dos pés, as difficuldades que tinha encontrado, longe de o desanimarem ou de o

fazer abandonar o campo, não fizeram senão irritar mais o sentimento vaidoso a que obedecia, e estimular o seu ardor pelo atractivo de uma luta. Entretanto elle apreciava muito os seus commodos para se causar por muito tempo em uma corte assidua, e desde que a sua dignidade de homem lhe pareceu prestes a se comprometter, recuou um passo, persuadido de que com este movimento de retirada castigava aquella que segundo elle pensava, devia adoral-o de joelhos. Como então tanta fatuidade e profundo desdenho não o puderão proteger contra um sentimento singular, uma tristeza irresistivel; e como então se transformárou de subito em odiosos e insupportaveis aquelles mesmos prazeres e passatempos ruidosos a que estava ha tanto tempo habituado?

Como explicar enfim essas idas e vindas de manhã e de tarde, por diante das janellas da moça para surprelender um dos seus sorrisos, para apanhar um olhar seu?

Valdroche não procurava explicar o seu estado; não interrogava o espirito nem o coração, o mesmo coração que jamais batera senão ao impulso da vaidade, o mesmo espirito que só conhecera a embriaguez do orgulho. Desconhecia-se a si proprio e desejava furar os olhos para não vêr mais.

Um dia —, seis mezes depois da reunião, cujos principaes incidentes já reproduzimos; — um dia, quando elle seufado na sua officina, com o joelho entre as mãos e a vista perdida no espaço, recapitulava o que havia feito desde algum tempo, e a recapitulação não era longa porque além do retrato de Marie não tinha feito senão esboços disformes, igualmente inuteis á sua reputação e á sua subsistencia, via com especie de pavor approximar-se a hora em que a sua bolsa vasia não lhe daria um obolo para cigarros, e o momento não menos terrivel em que o taverneiro tinha de suspender tão longo crédito; cogitava em vão procurando uma dessas idéas fecundas que assegurão o pão quotidiano ao maior numero dos nossos artistas; porém todas estavam desde muito exaustas, todas tinham desde tres mezes fornecido o seu contingente. Por ultimo e supremo recurso, Valdroche reñnia com o olhar alguns quadros já quebrados nas molduras, algumas télas debuxadas, um divan sem modelo, e duas cadeiras de braços de madeira pintada que jazião atiradas a um canto. Depois disto nada mais restava, e a fome mostraria ainda uma vez o seu spectro triste e descañnado. Podia elle vender ao mercador de trastes velhos os ultimos restos da sua mobilia?

Poderia negociar ainda com aquelles quadros, com aquellas téas?

E se lhe viesse alguma encomenda; onde collocar-a para trabalhar? sobre que a havia de pintar, se já nenhum utensilio lhe restava? Era

a isto que se devia reduzir o discipulo da natureza, o pintor de esperanças que se tinha erguido como chefe da escola no ultimo Salon? Vaidade das vaidades! O veterano da academia não tinha uma côdea de pão para pôr na boca; o discipulo da natureza sentia que esta reclamava imperiosamente os seus direitos. O pobre coitado não tinha jantado na vespera e esquecera-se de almoçar naquella manhã.

Em posição tão precaria poderia ter ido procurar Matheus e recorrer á sua bolsa que seguramente acharia aberta. Matheus era rico: percebida do seu magistrado uma pequena pensão de dous mil francos que bastávão para as suas precísões, e além disso como ha algum tempo se occupava no seu officio com encomendas mal pagas é verdade, porém sufficientes para augmentarem os seus rendimentos.

Os papeis estavam mudados; delle já se não podia dizer « Pobre Matheus! » e se os calouros se atrevessem, terião já dito « Pobre Valdroche! » Valdroche cujo orgulho contrastava com a miseria preferia antes roer as unhas do que ir pedir um auxilio a Matheus. Que! uma notabilidade artistica podia aviltar-se á esse ponto diante de um simples imitador de M. Ingres? A um discipulo da natureza era digno proclamar o seu infortunio diante de um simples discipulo dos homens, membros do Instituto, ou professores da Academia das Bellas-Artes?

Assim, todo o tuido que por um momento tinha havido em torno de Valdroche, apagou-se!

O talento que remontava ás novens nas azas da fama, desapareceu! O futuro que brilhava no horisonte como um astro novo, sumiu-se!

(Continúa.)

CHARADA.



O que faz o Peregrino

Antes de achar pousada?

Dize leitorea que flor

Achas mais bella e cheirosa

Mais variada, e que branca

Afeição, diz em amor?

CONCEITO.

Assim é a bella quando

Mesmo nos amando emlin,

Procede para nos dar

Com voz meiga um terno — sim —

C. M. P. de L.

Acompanha este n.º 46 um padrão de bordados.